

Maior escrutínio está a mudar forma como os chineses investem na Europa

A febre das aquisições há muito que passou. Maior escrutínio na Europa e maior controlo da China à saída de capital para o estrangeiro estão a moldar o investimento chinês na Europa.



A Europa tem um papel-chave na expansão dos veículos elétricos “made in China”, com as fábricas de baterias a imporem-se como o principal esteio do investimento chinês na Europa.

Getty Images



Diana do Mar dianamar@negocios.pt

10:00

Existe uma mudança de paradigma na forma como os chineses estão a investir na Europa. Desde o volume (cada vez menor) até à natureza e área de negócio. O crescente escrutínio por parte dos governos europeus figura entre as principais razões, a par com o apertar do cerco de Pequim à saída de capital para o estrangeiro, apontam analistas ouvidos pelo Negócios.

Por partes. Apesar de estar a diminuir desde que, em 2016, atingiu o pico, o investimento direto chinês na Europa (ainda juntando o Reino Unido à União Europeia) sofreu um “tombo” de 22% no ano passado, que o atirou para o valor mais baixo da década, de acordo com o relatório anual elaborado pelo Rhodium Group e pela MERICS (Mercator Institute for China Studies).

Segundo o estudo, recentemente publicado, a queda é sobretudo imputável à falta de aquisições e fusões (M&A) – com apenas uma transação acima de mil milhões de euros –, que foram mesmo ultrapassadas, pela primeira vez desde 2008, pelo fluxo do investimento produtivo (“greenfield”) que cresceu mais de 50% em 2022 à boleia dos projetos para a instalação de fábricas de baterias para veículos elétricos.

O que mudou? “Os políticos europeus , especialmente de França, Alemanha e Itália, começaram a preocupar-se com a posição competitiva europeia relativamente à China por causa das aquisições de ativos estratégicos europeus por empresas chinesas”, contextualiza Haiyan Zhang, professor da Neoma Business School, situando o ponto de viragem a partir da aquisição do fabricante alemão de robôs Kuka pela chinesa Midea. “Foram iniciados novos procedimentos legislativos nos Estados-membros e ao nível da UE para monitorizar mais de perto as M&A”, que atingiram o recorde durante a crise das dívidas soberanas na Europa e “foram bastante apreciadas”, e a “mudança de atitude” dos governos europeus e as manchetes “desencorajaram ‘psicologicamente’ os investidores chineses a avançarem com novos e grandes negócios de fusões e aquisições na UE”, assinala.

Elvire Fabry, investigadora do Instituto Jacques Delors, responsável pela área de geopolítica do comércio e relatora do grupo de trabalho das relações UE-China, subscreve, direcionando os holofotes para o mecanismo de verificação do investimento estrangeiro de que a UE se dotou (que impõe a partilha de informação sobre investimentos extracomunitários em infraestruturas críticas, embora caiba a cada Estado o poder de decisão), a funcionar desde outubro de 2020: “Podemos ver um duplo impacto: a diminuição do investimento direto e alterações no seu tipo e natureza. As empresas chinesas continuam a investir em tecnologia , mas com ‘tickets’ muito menores para escapar ao ‘screening’. O aumento significativo do investimento em projetos ‘greenfield’ diz-nos algo, refletindo uma estratégia muito ofensiva para aceder ao mercado europeu”, do qual a China “precisa mais do que nunca” face ao clima com os EUA. Haiyan Zhang reforça essa ideia: “O investimento chinês não é mais motivado pela procura pela tecnologia europeia, mas antes pela vontade de explorar as suas próprias vantagens competitivas no mercado único”.

Europa “fragmentada” e o exemplo alemão que destoa

LEIA TAMBÉM

[China critica "falsa premissa" do impulso ocidental para reduzir risco de investimentos](#)

Embora seja consensual que “há uma consciência crescente na UE sobre a necessidade de se protegerem ativos estratégicos”, de que é exemplo recente o caso da Huawei, a especialista sinaliza uma Europa “fragmentada” no modo como encara o investimento chinês. “Ainda temos um longo caminho a percorrer antes de chegarmos a uma abordagem harmonizada entre os Estados-membros, um processo que a guerra na Ucrânia veio acelerar devido à posição da China no conflito”. Elvire Fabry dá o exemplo da Alemanha, um dos principais recetores de investimento chinês (a par com França, Reino Unido e agora também a Hungria) que, a seu ver, tem sido mais do que “bastante cuidadosa na abordagem devido ao risco de retaliação da China”, já que recentemente autorizou a venda de parte do porto de Hamburgo, o maior do país, aos chineses da Cosco, num ato “completamente anacrónico”.

François Godement, conselheiro especial para a Ásia no Instituto Montaigne, identifica um “efeito dissuasor” de um maior escrutínio europeu. “Não é que esse instrumento tenha sido muito usado, mas tornou os investidores chineses muito mais cautelosos. Há muito menos tentativas de investimento”. Segundo o relatório da Rhodium Group e da MERICS, pelo menos 16 negócios com investimento chinês fizeram soar alertas em 2022, com dez a serem travados por governos europeus. Haiyan Zhang chama, no entanto, à atenção que não só o

investimento chinês é sujeito a verificação: “Segundo o primeiro relatório da Comissão Europeia sobre a aplicação do regulamento relativo à análise dos investimentos diretos estrangeiros, o impacto no investimento chinês não é desproporcional quando comparado com o [...] de outros países, especialmente dos EUA”.

As políticas de Pequim

A crescente supervisão europeia não é o único fator a contribuir para a metamorfose do investimento chinês na Europa – outrora liderado pelas estatais chinesas e hoje dominado por empresas privadas – que decorre também de um controlo mais apertado de Pequim à saída de capital para o estrangeiro, reforça o autor de “Contemporary China From Mao To Capitalism” (“China Contemporânea: De Mao ao capitalismo”, numa tradução livre), corroborado por Haiyan Zhang .

Entre as razões internas para o rol de mudanças, Fernanda Ilhéu, economista do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), cita “uma alteração na estratégia de desenvolvimento da economia chinesa”, da qual emanaram políticas como a “Made in China 2025” e a Iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, assim como “as dificuldades económicas criadas pelas restrições da política covid zero”. A investigadora faz referência também à estratégia de “circulação dual”, anunciada em 2020, em que “é evidente a preocupação de tornar a economia chinesa autossustentável” e à luz da qual “a China pretende crescer sobretudo pelo amento do consumo e do investimento interno e pelo controlo mundial de fontes de matérias-primas e bens intermédios chave na sustentabilidade energética, alimentar e nas novas tecnologias de ponta em várias áreas”.

Já no plano das alterações externas, a presidente da Associação Amigos da Nova Rota da Seda sustenta que “a guerra na Ucrânia contribuiu para escalar uma atitude de confronto entre a China e os EUA que foi seguida, de forma mais prudente, em atos e palavras pela Comissão Europeia e por alguns países europeus”. E os sinais não auguram resultados positivos: “Quando abertamente se discute se a Europa deverá fazer um ‘decoupling’ ou ‘de-risking’ da economia chinesa e se levantam obstáculos a algumas empresas chinesas já a trabalhar na Europa ou a novos investimentos não podemos esperar grandes investimentos de capital chinês”, conclui.

Três exemplos de casos em que os governos travaram investimento

Estudo da Rhodium Group e MERICS lista negócios com investimento chinês travados após objeções levantadas por governos europeus em 2022, num retrato possível da realidade, atendendo a que muitas das transações revistas não são divulgadas. Eis três casos.

ALEMANHA INVALIDA COMPRA DE EMPRESA CENTENÁRIA DE DISPOSITIVOS MÉDICOS

Berlim impediu a venda da Heyer Medical ao Aeonmed Group, com sede em Pequim e que também se dedica ao fabrico de dispositivos médicos, como ventiladores. A aquisição foi dada por terminada em março de 2020 como parte da reestruturação da centenária firma germânica na sequência de dificuldades financeiras que precederam a pandemia. O Governo invocou preocupações de ordem e segurança pública para invalidar a venda, uma decisão para a qual terão contribuído receios relativamente à potencial influência da China na economia alemã com a criação de dependências, designadamente do foro tecnológico, num setor-chave como a saúde.

REINO UNIDO FORÇA CHINESES A LIVRAREM-SE DE PARTICIPAÇÃO EM GIGANTE DE SEMICONDUTORES

O Reino Unido ordenou a Nexperia, subsidiária holandesa da fabricante de semicondutores Wingtech Technology, cotada na bolsa de Xangai, a vender a sua

participação maioritária (86% do capital) na Newport Wafer Fab, a maior fabricante britânica de “chips”, invocando preocupações de segurança nacional para a decisão tomada mais de um ano depois de a Nexperia assumir o controlo. De acordo com a imprensa, Londres indicou que tinha receios relativamente à possibilidade de a empresa começar a trabalhar em semicondutores compostos mais avançados na fábrica da Newport e sobre “o potencial de essas atividades minarem as capacidades do Reino Unido”.

ITÁLIA ANULA VENDA DE FABRICANTE DE DRONES

Itália anulou a venda de 75% da fabricante de “drones” militares Alpi Aviation a investidores chineses, após concluir que o Governo deveria ter sido informado sobre a transação ao abrigo das regulações do chamado “golden power” (as mesmas invocadas recentemente no caso da Pirelli) que visam blindar ativos estrategicamente importantes para o país. A venda concretizou-se em 2018, mas a investigação ao negócio aconteceu apenas em 2021. A participação na Alpi Aviation foi comprada por 4 milhões de euros pela Mars, sediada em Hong Kong, que, segundo a polícia italiana, era uma empresa de fachada ligada a duas companhias controladas pelo Estado chinês – a China Corporate United Investment Holding (CCUI) e a CRRC Capital Holding.

Especialistas dizem que há uma consciência crescente na UE quanto à necessidade de proteger ativos estratégicos

Obrigado por apoiar o nosso jornalismo.

No Negócios temos como missão disponibilizar informação económica fiável, atual e relevante. E se a batalha pela relevância é uma responsabilidade que nos cabe, no novo enquadramento do setor a capacidade de continuarmos a desempenhar o nosso papel depende cada vez mais do investimento do leitor. Agradecemos a sua confiança. Vamos continuar a trabalhar para a merecer.



[Como o sol está a mudar a energia dos bairros](#)

[Masterclass ABC do Phishing com David Grave: é possível superar uma situação de cibercrime e evitar repetições?](#)

[O seu telemóvel tem inimigos no verão... mas saiba que agora pode estar a salvo com a iServices!](#)

[Os melhores restaurantes para comer comida portuguesa](#)

[Vera, a assistente social que vê no sinistrado o que o próprio não consegue ver](#)

#IMPULSIONAR

